

DA ESTAMPA DA MEMÓRIA: A HISTÓRIA DO CTG PORTEIRA DA SERRA

Andréia Lopes Leôncio²
Débora Sandri Machado³
Sigrid Nora⁴

Resumo: O presente estudo trata de uma pesquisa histórica sobre o CTG Porteira da Serra, atuante na cidade de São Marcos - RS. O trabalho se caracteriza em uma investigação qualitativa, descritiva, documental e bibliográfica, que pretende, na medida do possível, elucidar e registrar os fatos que deram origem a sua criação e dar luz a acontecimentos que marcaram seu percurso entre o período de 1967 e 2015. Para realizar este estudo, como suporte conceitual, nos valem da contribuição de historiadores como Jaques Le Goff, Edgar Morin, Eliana Lopes e Ana Maria Galvão, José Carlos Meihy, Durval Albuquerque Jr. e Regina Guimarães Neto, entre outros. **Materiais e método:** Foi desenvolvido um estudo bibliográfico e histórico-documental através da coleta de dados gerados a partir de documentos pertencentes ao acervo da referida entidade e acervos particulares. E, no intuito de obter-se mais informações sobre os fatos que compõem o surgimento e percurso do referido patrimônio cultural, foi aplicada uma entrevista semiestruturada direcionada a pessoas que viveram ou conhecem sua história.

Palavras-chave: CTG Porteira da Serra. História. Memória.

THE HISTORY OF THE CTG PORTEIRA DA SERRA

Abstract: This study is a historical research about the CTG Porteira da Serra, acting in São Marcos - RS. The work is characterized by a qualitative research, descriptive, documentary and literature which aims, as far as possible, to elucidate and record the facts that gave rise to its creation and the events that marked its journey in the period between 1967 and 2015. To perform this research, as a conceptual support, we followed the contribution of historians such as Jacques Le Goff, Edgar Morin, Eliana Lopes and Ana Maria Galvão, José Carlos Meihy, Durval Albuquerque Jr. and Regina Guimarães Neto, among others. **Materials and Methods:** We developed a bibliographical and historical documentary study by collecting data from documents of the the entity collection, as well as private collections. And in order to obtain more information about the facts that make up the appearance and the course of that cultural heritage it was applied semi-structured interview to people who lived or know its history.

Keywords: CTG Porteira da Serra. History. Memory.

LA HISTORIA DEL CTG PORTEIRA DA SERRA

Resumen: El presente trabajo aborda una investigación histórica sobre el CTG Porteira da Serra localizado en la ciudad de São Marcos-RS. El trabajo se caracteriza como un estudio cualitativo, descriptivo, documental y bibliográfico, que objetiva, en lo posible, aclarar y registrar los hechos que produjeron los orígenes del surgimiento del referido centro, además de divulgar los hechos y eventos de su trayectoria entre los periodos de 1967 y 2015. La base conceptual de la investigación ha sido los pensamientos de los historiadores como Jaques Le Goff, Edgar Morin, Eliana Lopes y Ana Maria Galvão, José Carlos Meihy, Durval Albuquerque Jr. y Regina Guimarães Neto, y otros. **Materiales y método:** Ha sido desarrollado un estudio bibliográfico y histórico-documental por medio de la recogida de datos a partir de las informaciones de los documentos que pertenecen a los fondos del citado centro además de fondos privados. Y, con el objetivo de obtener informaciones adicionales sobre los hechos que hicieron la trayectoria del referido patrimonio cultural, ha sido aplicado una entrevista semiestruturada dirigida a las personas que hicieron su historia o tenían conocimiento acerca de ella.

² Acadêmica do Curso de Licenciatura em Educação física da Universidade de Caxias do Sul (UCS).

³ Acadêmica do Curso de Licenciatura em Educação física da Universidade de Caxias do Sul (UCS).

⁴ Professora dos Cursos de Bacharelado e Licenciatura em Educação Física e Coordenadora do Curso Superior de Tecnologia em Dança da Universidade de Caxias do Sul (UCS).

Palabras clave: CTG Porteira da Serra. Historia. Memoria.

História e Memória

Para que se possa compreender, reconstituir e apresentar ao menos parte da história do Centro de Tradições Gaúchas (CTG) Porteira da Serra, se faz necessário adentrar primeiro nos conceitos de história e memória, orientadores destes escritos e cuja contribuição de historiadores como Jacques Le Goff, Edgar Morin, Eliane Lopes, Ana Maria Galvão, José Carlos Meihy, Durval Albuquerque Jr., Regina Guimarães Neto, entre outros, se torna indispensável.

Segundo Le Goff (2003, p. 15), “a história é a ciência do passado”, tendo em mente que esta ciência deve se tornar um objeto da história, sendo reconstruída a todo o momento para que esta possa ser o passado vivo no presente. O autor defende que a história não deve ser entendida como ciência do passado, mas como “[...] a ciência da mutação e da explicação dessa mudança” (p. 15). E acrescenta: “A memória, na qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens” (p. 471). Em se tratando de história, duas se destacam em seus relatos:

A de memória coletiva e a dos historiadores. A primeira se destaca pelos fatos míticos, porém vividas contadas por aqueles que viveram a história, a segunda é fornecida pelos historiadores que com base no relato daqueles que viveram a história, retifica estas memórias trazendo fatos que possam contribuir de forma significativa corrigindo possíveis erros de uma imagem inconsciente formada através do tempo. (LE GOFF, 2003, p. 29).

Ainda de acordo com Le Goff:

A memória faz parte do jogo do poder, se autoriza manipulações conscientes ou inconscientes, se obedece aos interesses individuais ou coletivos, a história, como todas as ciências, tem como norma a verdade. Os abusos da história, como todas as ciências, têm como norma a verdade. Os abusos da história são apenas um fato do historiador, quando este se torna um partidário, um político ou um lacão do poder político. (LE GOFF, 2003, p. 32).

Paul Valéry (1931 apud LE GOFF, 2003, p. 32) declara que “a história é o produto mais perigoso que a química do intelecto elaborou [...] A história justifica o que se quiser. Não ensina rigorosamente nada, pois tudo contém e tudo dá exemplos”. Este espírito, aliás tão

agudo, confunde a história humana com a história científica e revela a sua ignorância sobre o trabalho histórico.

Para Duby e Lardreau (1980 apud LE GOFF, 2003, p. 38), “a história é acima de tudo arte, uma arte essencialmente literária. A história só existe pelo discurso”.

A história assemelha-se, então, a um romance. É feita de intrigas. O historiador deve conservar os fatos como eles são, sem, contudo, perder a imaginação é preciso saber contar uma história para que se possa escrevê-la, a representação imaginativa dos fatos trará à tona uma história agradável de se ouvir, permitindo que aqueles que a ouçam possam se apropriar de sua própria visão dos fatos através de sua própria imaginação. A compreensão histórica não difere pelos processos mentais que são inerentes a qualquer raciocínio humano, mas pelo seu estatuto que é mais o de um saber dedutivo que demonstrável. (VEYNE, 1971 apud LE GOFF, 2003, p. 75).

E é a partir dos vestígios preservados pelo tempo que a história pode ser construída e reconstruída. A relação do historiador com as fontes é uma das bases sobre as quais se edifica a pesquisa histórica, pois as fontes são a matéria-prima do historiador, indispensáveis para a reconstituição do passado. Esta é uma construção do historiador, portanto, parte da operação historiográfica.

Já o conceito de memória é também fundamental para o presente estudo, visto que a memória tem a função de conservar informações desde a mais tenra idade, não só dos fatos vistos, mas também das narrativas, da linguagem falada.

Goody (1977 apud LE GOFF, 2003 p. 35) explica que “em todas as sociedades, os indivíduos detêm uma grande quantidade de informações no seu patrimônio genético, na sua memória de longo prazo e, temporariamente, na memória ativa”. A memória pode ser apresentada através da escrita, a história, cujo tipo de documento possui duas características principais, a primeira é armazenar informações passíveis de comunicação ao longo do tempo, e a segunda, garantir que a passagem destas informações seja de forma visual ou auditiva ao longo do tempo.

Para Le Goff,

A utilização de uma linguagem falada, depois escrita, é de fato uma extensão fundamental das possibilidades de armazenamento da nossa memória que, graças a isso, pode sair dos limites físicos do nosso corpo, para se interpor quer nos outros, quer nas bibliotecas. Isto significa que, antes de ser falada ou escrita, existe uma certa linguagem sob a forma de armazenamento de informações na nossa memória. (LE GOFF, 2003, p. 421).

No plano epistemológico, a memória pode ser pensada a partir da relação entre lembranças, esquecimentos e silêncios. Se a lembrança, sempre seletiva, é algo quase evidente quando se pensa no conceito de memória, os esquecimentos e os silêncios como categorias de análise não são tão claros e explícitos. Eles possuem uma função na construção ou na proteção de identidades, logo, merecem uma atenção especial quando entramos nesse campo de estudos.

Orientado por Morin (1998), pode-se dizer que:

[...] a aquisição de uma informação, a descoberta de um saber, a invenção de uma ideia, podem modificar uma cultura, transformar uma sociedade, mudar o curso da história. [...] o conhecimento está ligado, por todos os lados, à estrutura da cultura, à organização social, à práxis histórica. Ele não é apenas condicionado, determinado e produzido, mas é também condicionante, determinante e produtor (o que demonstra de maneira evidente a aventura do conhecimento científico). (MORIN, 1998, p. 30-31).

O ponto de partida de uma pesquisa histórico-documental não é a análise de um documento, mas a formulação de um questionamento. A problematização das fontes é fundamental porque elas não falam por si; são testemunhas, vestígios que respondem a perguntas que lhes são apresentadas.

Segundo Lopes e Galvão (2001, p. 79), “o que determina o que são as fontes é exatamente o [...] problema problematizado”. As perguntas que o pesquisador formula ao documento são tão importantes quanto o próprio documento. São as perguntas que o historiador faz ao documento que lhe conferem o sentido. Daí Foucault (1969 apud LE GOFF, 2003, p. 536) dizer que os problemas da história podem se resumir nas seguintes palavras: o questionar dos documentos.

Mas nem sempre os documentos escritos são suficientes para se relatar uma história. Desta forma, buscam-se alternativas para se complementar e compreender situações e contextos históricos contemporâneos.

É através da história oral – que alguns pesquisadores afirmam ser uma técnica e outros uma nova metodologia (ou mesmo uma disciplina) – que podemos obter uma forma alternativa complementar da história escrita. É um recurso indispensável para situações e contextos históricos nos quais não se dispõe de outras fontes documentais.

De acordo com Nora (2011),

A História Oral tem seu interesse centrado na conversa com pessoas, nos relatos orais colhidos de suas lembranças pessoais para conhecer e aprofundar conhecimentos sobre os padrões culturais – estruturas sociais e processos históricos de uma determinada realidade. Ponderando os fatos que têm importância em suas vidas e evocando lembranças que tecem diferentes fios a cada distinto relato sobre um mesmo acontecimento, esses discursos constroem uma visão mais concreta da dinâmica de funcionamento e das várias etapas da trajetória do grupo social em que se encontram instalados. (NORA, 2011, p. 6).

A história oral objetiva a apreensão de narrativas feitas pelo uso de meios eletrônicos destinada a recolher testemunhos, promover análises de processos sociais do presente e facilitar o conhecimento do meio imediato (MEIHY, 2010).

Promover uma reflexão acerca da utilização exclusiva da entrevista individual como parte da chamada história oral, técnica que oferece suporte à produção historiográfica a partir da coleta de depoimentos, é um dos objetivos deste projeto.

O oral não deve ser oposto dicotomicamente ao escrito, como duas realidades distintas e distantes, mas como formas plurais que se contaminam permanentemente, pois haverá sempre um traço de oralidade riscando a escritura e as falas sempre carregarão pedaços de textos. (ALBUQUERQUE JR., 2007, p. 230).

A oralidade é patrimônio cultural imaterial que carrega representações e significados diversos. Embora ninguém dialogue permanentemente por meio da escrita, se não por intermédio de uma obra, percebe-se a relação entre a oralidade e a escrita principalmente como base para a necessidade de registro e preservação: “é necessário reconhecer que a fonte oral não é o outro da fonte escrita: fazem parte, tanto uma quanto outra, do sistema escriturístico moderno” (GUIMARÃES NETO, 2006, p. 47).

A partir do exposto, este projeto de pesquisa se debruçou sobre as seguintes questões: em que época, quais condições e quais pessoas foram responsáveis pela criação do CTG Porteira da Serra; como se compôs seu elenco artístico e quais foram os principais personagens que marcaram a história desta entidade; e quais e quantas premiações foram conquistadas ao longo dos seus 48 anos de cultivo as tradições gaúchas.

Sobre o Movimento Tradicionalista Gaúcho - MTG e os Centros de Tradições Gaúchas - CTG

Em 1947, oito jovens oriundos do meio rural estavam morando em Porto Alegre - RS para estudarem no Colégio Júlio de Castilhos. Com o passar do tempo, perceberam que na capital do estado já não se cultuavam as tradições gaúchas como o chimarrão, as poesias, a música, o uso da indumentária, entre outras. Perceberam que sair às ruas devidamente pilchado⁵ era motivo de zombarias, pois, segundo Paixão Côrtes (1994, p. 33), “a onda era o estrangeirismo, o americanismo, o modismo, e tantos outros ismos vindos de fora”.

Houve época em que quase ninguém mais pensava em Tradições! Procurava-se destruir tudo o que era “velharias”. Em São Paulo, houve verdadeira campanha contra o vandalismo e destruição de tudo que recordasse nosso passado. Em Porto Alegre, já nada mais praticamente existia que lembrasse os velhos tempos para a juventude da cidade. Isso quanto aos monumentos arquitetônicos históricos, sedimentados de pedra e cal. Os escritos, embora mal conservados, existiam espalhados por diversos recantos... muitos foram criminosamente postos no fogo ou vendidos a peso para fábricas de papel. A história de Porto Alegre, em grande parte, talvez na sua melhor parte, desapareceu assim... [...] É possível que houvesse àquela época, uma tendência a uma espécie de modernidade, quase generalizada a qualquer preço e forma! A ordem geral dos maiores centros do País irradiadoras das ‘modas’, era: mudar para “melhor”, “evoluir”, “desenvolver”, imitar as “novas” que vinham do além-mar europeu ou seguir os “moldes” dos EUA – padrão USA – de qualquer maneira. (CÔRTEZ, 1994, p. 32).

Esses oito jovens, com idades entre 16 e 20 anos, dentre eles Paixão Côrtes e Barbosa Lessa, queriam ter o direito de preservar essa cultura, queriam que nosso estado mantivesse suas características. João Carlos Paixão Côrtes liderava este grupo, que ficou conhecido como o “grupo dos oito”. O movimento destes jovens iniciou ao reunirem-se com a diretoria do Colégio Estadual Júlio de Castilhos, para discutirem ideias com a fim de estimular o desenvolvimento cultural. Assim, com o intuito de preservar, desenvolver e valorizar a cultura rio-grandense, surge, dentro deste colégio, o Departamento de Tradições Gaúchas.

Dias depois, o “grupo dos oito” foi convidado pela Liga de Defesa Nacional para escutar os restos mortais do General David Canabarro, que seria trasladado de Santana do Livramento - RS para Porto Alegre – RS, no Partenon Rio-Grandense, sua última morada.

Crédito também se dá ao Departamento de Tradições Gaúchas, que programou a primeira Ronda Gaúcha, a qual ocorreu de 07 a 20 de setembro de 1947, unindo a data da Independência do Brasil com o início das comemorações referentes à Revolução Farroupilha. Paixão Côrtes solicitou à Liga de Defesa Nacional, que preparava a Semana da Pátria, a permissão para retirar uma centelha do fogo simbólico da Pátria, no dia 07 de setembro, e

⁵ Pilchado: pessoa vestindo as roupas típicas que o gaúcho usava no passado, que se denomina pilcha.

transporta-la até o Colégio Júlio de Castilhos para iluminar um candeeiro típico durante as comemorações da 1ª Ronda Crioula da escola. E assim foram criados a Chama Crioula, o Candeeiro Crioulo e o 1º Baile Gauchesco. Foi dessa forma que o tradicionalismo no nosso estado surgiu com uma força viva, social e popular.

Em 03 de janeiro de 1948, fundou-se o 35 CTG, o primeiro Centro de Tradições Gaúchas do estado, constituído em Porto Alegre e o nome desse Centro de Tradições foi escolhido em homenagem à Revolução Farroupilha, que teve seu início em 1835.

A ideia de se criar um Centro de Tradições Gaúchas nasceu da necessidade de se ter um local maior para as reuniões do grupo do “Julinho” (Colégio Júlio de Castilhos em Porto Alegre). Barbosa Lessa soube da existência de outro grupo semelhante, os escoteiros da patrulha do quero-quero, e articulou uma reunião para a unificação das ideias.

O grupo do “Julinho” queria um fogo-de-chão, onde pudessem se encontrar para suas reuniões e tomar um chimarrão e buscavam uma entidade aberta à comunidade, para que mais pessoas tivessem acesso ao grupo.

As reuniões aconteciam, normalmente, aos sábados à tarde na casa do Cyro Ferreira⁶ ou na casa da mãe de Paixão Côrtes, porém o espaço estava ficando pequeno. Então, José Vieira Simch cedeu o porão da casa de sua família para as reuniões. Com o passar dos dias, esse local também se tornou insuficiente e foi através do pai de Cyro, diretor da FARSUL, que disponibilizou, em 24 de abril de 1948, a transferência do “35 Centro de Tradições Gaúchas”, grupo já constituído, para uma sala no terraço desta entidade que, no auditório da Federação da Agricultura do Estado do Rio Grande do Sul – FARSUL, iniciou suas atividades com tertúlias, sessões de estudo, entre outras ações artísticas e culturais.

Finalmente, em 28 de outubro de 1966, foi criado o Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG), que no artigo 1º de seu Estatuto revela:

O Movimento Tradicionalista Gaúcho, identificado também pela sigla MTG e inscrito no Cartório de Títulos e Documentos em 27 de novembro de 1967, às folhas 12 verso, sob o número de ordem 4.436, Livro A, nº 8, é uma associação civil, é uma pessoa jurídica de direito privado, sem fins lucrativos, com circulação em todo o território nacional, com número ilimitado de associados indicados sob a denominação de filiados, e com duração indeterminada, com sede

⁶ Cyro Dutra Ferreira foi um importante tradicionalista do Rio Grande do Sul. Ele nasceu em Porto Alegre aos 10 de janeiro de 1927, filho de Normélio Gomes Celso Ferreira e de Ida Dutra Ferreira. Faleceu em 09 de agosto de 2005.

e foro jurídico, na Rua Guilherme Schell nº 60, no Bairro Santo Antônio, no Município de Porto Alegre, no Estado do Rio Grande do Sul, constituindo-se na Federação dos Centros de Tradições Gaúchas e entidades afins. (MTG, 1967, p. 1).

Desde sua criação, a coordenação do MTG busca preservar as tradições gaúchas. Para tanto, dividiu o estado em 30 regiões tradicionalistas, cada uma delas com sua equipe coordenativa que visa orientar e organizar os CTGs a ela ligados, bem como eventos no âmbito da região.

O Centro de Tradições Gaúchas Porteira da Serra

O surgimento

Em 1967, no município de São Marcos, na Serra Gaúcha, quando o presidente da Sociedade Esporte Clube Fulgor, Sr. Evaristo Fontana juntamente com os demais membros da diretoria organizaram o primeiro baile gaúcho em sua sede social, surgiu entre eles a ideia de se criar um CTG. Neste baile aconteceu a escolha da Mais Bela Prenda, sendo agraciada com o título a Srta. Marta Cioatto. O fandango foi animado pelo conjunto musical Os Bertussi, um dos pioneiros da música *terrunha* no Rio Grande do Sul.

Em função do grande êxito alcançado pelo evento, a diretoria do S. E. C. Fulgor decidiu criar um espaço específico para a realização de eventos tradicionalistas. Assim, fundaram o CTG Porteira da Serra e começaram a construir sua sede própria.

A denominação do CTG foi indicada pelos irmãos Honeyde e Adelar Bertussi⁷, tendo sido aceita pela unanimidade de seus fundadores. Associado a isso, também foi definido o lema “porteira aberta ao culto da tradição” que lhe confere caracterização. No dia 05 de outubro de 1968, aconteceu a inauguração de sua sede, construída ao lado da S. E. C. Fulgor. Assim, como uma espécie de coirmãs, as duas entidades encontram-se bem próximas, localizadas ainda hoje na Av. Venâncio Aires nº. 168 e 169. Até o ano de 2013, o CTG foi um departamento artístico da S. E. C. Fulgor, mas, no ano de 2015, a patronagem tomou a decisão de tornar o Centro de Tradições a casa mãe, por ser esta a mais ativa entre ambas, sendo que o Fulgor hoje consiste em um departamento de esportes do CTG Porteira da Serra.

⁷ Sobre Honeide e Adelar: Irmãos considerados tradicionalistas pioneiros. Criadores da música regionalista gaúcha.

Figura 1 – Inauguração da sede do CTG Porteira da Serra em 05/10/68 - Missa Crioula rezada pelo Padre Osmar Possamai



Autor: desconhecido

Fonte: acervo particular de Andréia Sandri Machado

A composição patronal e as Primeiras Prendas⁸

O primeiro Patrão do Centro de Tradições Gaúchas Porteira da Serra foi o Sr. Aldomiro Stumpf, que comandou a casa de 6 de outubro de 1967 a 30 de dezembro de 1968, quando o Sr. Adelino Miotto tomou posse e permaneceu no cargo até agosto de 1969. No decorrer dos anos seguintes, outros 15 Patrões assumiram essa mesma função, são eles: Anacleto Bonato, Ricieri Bertolazzi, Pedro Verginio Scodro, Joãozinho Rizzon, Higinio Ferreira dos Reis, Aldo Lourenço Cioato, Zeli Antonio Martinighi, João Carlos Cioato, Marcos Antonio Biasus, Eloir dos Reis Rosa, Juarez Taufer, Carlos Raimundo Bernardo dos Reis, Antonio Renato Gobbi, Juliano Bolsoni Menegon e Roque Jocenir Castilhos, que está em exercício até o presente momento.

Em se tratando de Primeira Prenda, um título conquistado através de concurso, sua função tem como finalidade a preservação e a valorização da cultura sulista e sua conduta e

⁸ A listagem patronal e a nominata das Primeiras Prendas são informações obtidas através de duas fontes de pesquisa: (1) livro de Atas do CTG Porteira da Serra, pertencente ao acervo documental da instituição; e (2) entrevista realizada em março de 2016 com Andréia Sandri Machado sobre sua pesquisa de campo.

ações são determinantes para sua escolha. A prenda eleita deve contar com um conhecimento transmitido por gerações que envolve valores e princípios de outrora. Ademais, cabe a ela orientar as pessoas quanto ao Movimento Tradicionalista e ser prestativa na sua função, pois se trata de uma das mais altas representações do tradicionalismo, sendo a vitrine da entidade que representa.

Nos registros do CTG Porteira da Serra, encontramos o nome de Brenda Lovatto como sendo sua primeira representante com gestão entre 1968 e 1969, passando a faixa da casa para Ana Lúcia Sandi, que ocupou a gestão de 1970/1971. Durante os 48 anos desde sua fundação, além da Srta. Roberta Castilhos, a Primeira Prenda atual em exercício, outras 14 prendas já representaram a entidade. São elas: Maria Janete Trevisan (1972/1973), Maria Araújo (1974/1975), Rejane Nelci Riboldi (1976/1977), Oneiva Dalila Scarabelot (1978/1988), Rose Tânia Pires (1989/1990), Giovana Maria Astolfi Vivian (1991/1992), Paula Adriana Scopel (1993/1994), Clair Sotorifa (1995/1996), Andréia dos Reis (1997/1998), Márcia Boff (1999/2000), Andréia Michelin Gobbi (2001/2002), Sabrina Hoffmann Reis (2003/2005), Gleisse Rizzo (2006/2008) e Débora Sandri Machado (2013/2015). Ressalta-se que de 2009 e 2013 não houve representante.

Figura 2 – Brenda Lovatto - Primeira Prenda



Autor: desconhecido

Fonte: Arquivo pessoal de Andréia Sandri Machado

A invernada artística

Para o gaúcho, a invernada é um local onde se confina o gado para engorda, mas em se tratando de CTGs, o termo significa departamento, sendo comum a existência das invernadas artística, cultural e campeira nas entidades tradicionalistas. Corriqueiramente, quando se fala apenas em invernada, o termo refere-se ao grupo de danças tradicionais, organizado pela Invernada Artística.

As Danças Tradicionais Gaúchas foram formadas pela influência de diferentes culturas que foram trazidas ao Rio Grande do Sul pelos colonizadores. Segundo Paixão Côrtes (1978, p. 53), “o primeiro contingente a influir na formação das danças rio-grandenses foi o dos colonos açorianos que aportaram no Rio Grande do Sul em 1752”. O autor também informa que:

O primeiro *fandango* rio-grandense foi formado pelo hibridismo dos lundus, que desciam das capitâneas brasileiras com o *fandango* que a Espanha enviava às cidades sul-americanas. Daí resultou uma série de sapateados entremeados de cantigas brasileiras, às quais vieram a se unir aos cantos europeus, como a tirana, que gozava de larga popularidade na época. (CÔRTEZ, 1978, p. 53-54).

Com o passar do tempo, as danças sapateadas e as de conjunto deram seu lugar aos bailes campeiros com danças enlaçadas, como por exemplo, as valsas e os xotes. O primitivo fandango foi desaparecendo pela contribuição dos grupos superiores e, principalmente, pelo surgimento de um novo instrumento, a gaita, a qual se transformou no instrumento típico do gaúcho e causou modificações na música e nas danças do Rio Grande do Sul (CÔRTEZ, 1978, p. 54-55).

Paixão Côrtes (op. cit.) pondera ainda sobre a dificuldade de caracterizar as danças populares gaúchas. Na parte coreográfica, enreda-se sapateado ibérico, a cortesia francesa, o requebro brasileiro e o passo de polca alemão. Na parte musical, lundus brasileiros aliam-se a cantigas e tunas espanholas. Na parte instrumental, as violas paulistas e guitarras platinas acompanham gaitas de fabricação italiana. É um pandemônio...

Assim sendo, ao versarmos sobre as danças rio-grandenses, só podemos falar das características gerais das coreografias que tenham persistido através das gerações sem atender a épocas ou modas, características mais ligadas ao povo do que propriamente às danças. A

cultura rio-grandense traz em sua essência marcas dos muitos povos que colonizaram nosso estado ou que por aqui passaram, contribuindo com a formação do gaúcho e sua cultura, tão rica em detalhes e significados. Então, diz-se que os principais traços que se distinguem nas danças gaúchas, no que se refere ao homem, visto que a mulher desempenha, geralmente, um papel secundário, são a teatralidade e o respeito à mulher.

Quanto à teatralidade, Paixão Côrtes (1978, p. 63) questiona: “se o gaúcho usa de gestos livres e largos no rodeio, se o gaúcho grita e exulta na hora da avançada ou no entrechoque das cavalarias, por que agirá diversamente na hora de se divertir, de bailar, de mostrar seu ‘donaire’⁹ à gauchita?”

Esta é a principal característica das danças tradicionais e dos bailes gaúchos: a teatralidade do campeiro, por isso os bailes têm uma animação que contagia a todos. Paixão Côrtes descreve o gaúcho na bailanta da seguinte forma:

Dentro do máximo respeito, ele procura sobressair, mostrar que é o melhor sapateador, procura recitar os versos mais pitorescos e enfeitar seus passos com as variações mais difíceis. E quando fala, o faz em voz alta, para que todos ouçam. E quando pede ao gaiteiro ou ao violeiro uma marca mais difícil, fá-lo aos gritos, para que todos saibam de sua habilidade de dançador. (CÔRTEZ, 1978, p. 63).

Andréia Sandri Machado em entrevista concedida em março de 2016, relatou que em sua pesquisa realizada sobre o CTG Porteira da Serra, o Sr. José Alcides Rizzon, ex-integrante da primeira invernada, informou que em meados de 1968, com o apoio do primeiro patrão Aldomiro Stumpf, um grupo de jovens descendentes de italianos criou a sua primeira invernada artística que foi denominada “invernada de gringos”, que divulgou o nome da entidade e da cidade de São Marcos em vários eventos. A primeira apresentação aconteceu na praça Dante Marcucci e, desde então, suas atuações não pararam de acontecer, uma vez que participaram do Rodeio Crioulo de Caxias do Sul, Rodeio Crioulo de Vacaria, de Lages, e estenderam-se para festas de Capela e outras mais.

José Alcides Rizzon informou também que a primeira composição dessa invernada foi formada pelas prendas Luizinha Bonela, Carmem Cioato, Dilsa Marcon, Maria Antonieta Miotto, Ana Lúcia Sandi, Brenda Lovato, Ana Lúcia Ballardin, Volma Maria Rizzon e pelos peões Telmo Massenz Posteiro, Jacomo Olivo Borghetti, Valmor Benatto, José Alcides

⁹ Donaire: atitude de graça e gentileza; gesto distinto, garboso.

Rizzon, Irineu Ballardin, Adelir Moresco, Vanderlei Stumpf e Simeão Otávio Coelho Vieira. Além de prendas e peões, tal composição contava com a presença dos gaiteiros José Ladair Soldatelli e Jorge Machado Ramos e dos instrutores João Batista e Alaydes Mota, Zanildo Nascimento e Maria Almeida.

Figura 3 – 1ª Invernada adulta do CTG Porteira da Serra



Autor: desconhecido

Fonte: Arquivo pessoal de Andréia T. Sandri Machado

No decorrer dos primeiros tempos, agregaram-se também à formação inicial os nomes de Luiz Carlos Rizzon, Terezinha Catafesta, Neiva Leonice Bonatto, Maria Gedi Moreira de Castilhos, Maria Tereza Soldatelli, Irides Maria Leoncio, Vera Lúcia Cioato, Dolores Maria Cioato, Ana Maria Leoncio, Adão da Silva, Idelvino Colombo, Altair Castilhos, Agenor Jacob Rizzon e Horegil da Rosa.

Em visita realizada ao CTG, detectou-se que atualmente a Invernada Artística é composta por 81 integrantes e os ensaios de suas danças são de responsabilidade do professor Dalmir Pereira, que reside em Caxias do Sul e que se desloca semanalmente para os ensaios. O professor Dalmir também ministra aulas relacionadas à aprendizagem da Chula¹⁰. A organização da referida Invernada Artística obedece a quatro categorias assim distribuídas:

- a) Mirim (5 a 13 anos) com 33 integrantes;

¹⁰ Chula: dança típica do Rio Grande do Sul, dançada por homens em desafio.

- b) Juvenil (14 a 17 anos) com 24 integrantes;
- c) Adulta (acima de 18 anos) com 16 integrantes;
- d) Veterana (acima de 30 anos) com 8 integrantes.

Desde a fundação deste CTG, em 6 de outubro de 1967, muitos peões e prendas contribuíram com essa entidade cultural e pelos quais muito foi feito para cultivar a nossa tradição.

Todos, homens, mulheres e crianças, que passaram por essa casa tradicionalista sempre se dedicaram a preservar a existência da Invernada, pois é nela que encontramos a essência das tradições e do folclore da cultura gaúcha. O resgate e a preservação dos ricos elementos dos nossos costumes – entre eles, a dança, a música, a poesia, o chimarrão, a culinária, o cavalo, o uso de facas, a literatura, o bolicho¹¹ de campanha, a indumentária, os jogos tradicionais, as brincadeiras e o artesanato – alcançaram uma posição de destaque e tornaram-se um marco na história cultural do nosso país.

No decorrer das investigações, nos deparamos com o símbolo máximo do CTG Porteira da Serra: sua bandeira. Conforme relato de Ana Lúcia Fachin em entrevista concedida em março de 2016, na época em que foi primeira prenda da invernada adulta do CTG, surgiu a necessidade do Centro de Tradições Gaúchas criar uma bandeira para identificar a entidade nos rodeios em que estava sendo convidada a participar. Em novembro de 1969 surge, então, o modelo de uma bandeira desenhado por ela e que foi aprovado por todos.

Ana Lúcia ainda guarda o papel com o rascunho da bandeira. Trata-se de uma cuia – que representa o símbolo máximo da cultura gaúcha – com porteira dentro dela, abrindo as porteiros do Rio Grande do Sul para a serra gaúcha. No fundo, a serra gaúcha. O pano é azul por ser a cor símbolo do Clube do qual a entidade estava ligada diretamente como Departamento de Folclore. Ao lado, encontra-se o lema “Porteira Aberta ao Culto da Tradição”, que é fruto da criatividade dos Irmãos Bertussi.

Figura 4 – Bandeira do CTG no VIII Rodeio Crioulo de Vacaria - janeiro de 1970

¹¹ Bolicho: Era o local onde se comercializavam secos e molhados, tecidos e inclusive bebidas. No mesmo local, os homens se reuniam para jogar.



utor:
desconhecido
Fonte: arquivo
pessoal de
Andréia Sandri
Machado

Analis
ando o
histórico da

bandeira, a patronagem, peões e prendas decidiram acrescentar e modificar a posição de alguns elementos. Alterou-se o formato da cuia, acrescentando-se a porteira e nas montanhas um casal tipicamente trajado, representando a figura da prenda e peão convidando a vivenciar as tradições do nosso estado. O lema “Porteira Aberta ao Culto da Tradição” foi acrescentado à cuia. Atrás da cuia foi colocado o mapa do Rio Grande do Sul nas três cores que o representam: verde, vermelho e amarelo, com o nome da entidade e do município. Este símbolo foi impresso em campo branco que representa a paz que deverá reinar entre os tradicionalistas.

A bandeira foi reorganizada em 31 de março de 2007, pela patronagem e desenhada pelo Peão Farroupilha Paulo Augusto Gobbi e pela 3ª Prenda Michele Pasini. A figura 5 apresenta a reformulação.

Figura 5 – Bandeira reformulada em 31 de março de 2007



As premiações

Se premiações são reconhecimentos ou recompensas que acompanham atuações que se destacam numa determinada área, e carregam o sentimento de sucesso, do mérito alcançado, pela dedicação, esforço e qualidade, o CTG Porteira da Serra conquistou inúmeras delas. O quadro abaixo traduz o valor de sua trajetória, um percurso comprometido com o propósito de divulgar a cultura do nosso povo, cumprindo o compromisso assumido com o Movimento Tradicionalista Gaúcho – MTG: o de expandir cada vez mais as raízes socioculturais do Rio Grande do Sul.

Quadro 1 – Premiações

1º Lugar	Em barraca	Rodeio de Caxias do Sul (03/1976)
2º Lugar	Invernada Artística Adulta	São Sebastiao do Caí (04/1983)
1º Lugar	Invernada Artística Mirim	São Sebastiao do Caí (04/1983)
2º Lugar	Invernada Artística	São Marcos (11/1984)
2º Lugar	Invernada Artística Adulta -	São Marcos (11/1984)
2º Lugar	Invernada Artística Mirim	São Marcos (11/1984)
2º Lugar	Invernada Artística Mirim	1º Rodeio de Criúva (11/1985)
1º Lugar	Invernada Artística Adulta	Lageado Grande (11/1986)
2º Lugar	Geral 1º Rodeio	Antônio Prado (sem data)
3º Lugar	Danças Tradicionalistas Adulta	Festival Serrano (09/2006)
4º Lugar	Invernada Artística Mirim	Festival Serrano (09/2006)
3º Lugar	Danças Tradicionalistas Mirim	Caxias do Sul (03 a 05/11/2006)
3º Lugar	Danças Tradicionais Adulta	Caxias do Sul (03 a 05/11/2006)
2ºLugar	Danças Tradicionais Juvenil	Caxias do Sul (03 a 05/11/2006)
2º Lugar	Invernada Artística Mirim	Dois Irmãos (16 e 17/06/2007)
2º Lugar	Danças Tradicionais Juvenil	Espumoso (22 a 24/02/2008)
2º Lugar	Danças Tradicionais Juvenil	Criúva (11 à 14/12/2008)
4º Lugar	Danças Tradicionais Adulta	Antônio Prado (2009)
5º Lugar	Danças Tradicionais Juvenil	Antônio Prado (2009)

3º Lugar	Danças Tradicionais Veterana	Bom Jesus (06 a 09/03/2014)
4º Lugar	Danças Tradicionais Juvenil	Flores da Cunha (5 a 19/04/2015)
1º Lugar	Geral Festejos Farroupilhas	São Marcos (11 a 20/ 09/2015)
1º Lugar	Invernada Artística Mirim	Bom Jesus (03 a 06/03/2016)
2º Lugar	Invernada Artística Juvenil	Bom Jesus (03 a 06/03/2016)
3º Lugar	Invernada Artística Adulta	Bom Jesus (03 a 06/03/2016)
2º Lugar	Invernada Artística Mirim	Flores da Cunha (16 e 17/04/2016)
5º Lugar	Invernada Artística Juvenil	Flores da Cunha (16 e 17/04/2016)
1º Lugar	Invernada Artística Mirim	Caxias do Sul (07 e 08/05/2016)
2º Lugar	Invernada Artística Juvenil	Caxias do Sul (07 e 08/05/2016)

Fonte: Galeria de troféus da entidade.

Dando voz a quem participou do percurso do CTG Porteira da Serra

Transcrevemos aqui trechos de algumas das falas produzidas nas entrevistas concedidas em março e abril de 2016:

Andréia Sandri Machado¹², Ex-Diretora Cultural do CTG, relatou que, na sua visão sobre a presença do CTG no município, “a entidade foi sem dúvida uma forte contribuição para a cidade, inclusive por ocupar, jovens e adultos, tirando-os, dessa forma, das ruas. O CTG é uma instituição que, se seguida a carta de seus princípios, se preocupa com os valores a serem preservados e com a formação de cidadãos conscientes e responsáveis. A cultura é algo que se vive, se sente, por essa razão a dificuldade de ser transmitida.”.

Ana Lucia Sândi Fachini¹³, Ex-Primeira Prenda (1970-1971) informou que “quando fui primeira prenda, fui eleita por escolha da diretoria, pois naquela época não existia concurso.

Na época da criação do CTG, não havia nenhum outro movimento tradicionalista na cidade e havia muito preconceito, a cidade era dividida em dois lados, da metade da avenida principal para baixo, onde existe até hoje o Clube Grêmio Americano, era a sociedade ‘chique’, as famílias ricas, a elite, da metade para cima onde até hoje se encontra o Clube Fulgor e o CTG, era a ‘ralé’ da cidade. Quando eu ia a pé para o CTG, pilhada, e passava em frente as casas

¹² Entrevista concedida a Débora Sandri Machado e Andréia Lopes Leônico em 17 de março de 2016.

¹³ Entrevista concedida a Débora Sandri Machado e Andréia Lopes Leônico em 28 de março de 2016.

da ‘elite’ era motivo de piadas. Outro fato marcante foi terem implantado a tradição gaúcha nesta cidade, praticamente povoada por imigrantes italianos.”.

A Ex-Primeira Prenda continua: “no começo, as maiores dificuldades enfrentadas foram a construção do CTG e aprendermos as danças. Para aprendermos as danças tradicionais, além dos poucos livros que tínhamos de Paixão Côrtes, que serviram de base para alguns passos, alguns de nós foram a CTGs de Caxias do Sul, e olhando aprenderam, sem professores, 21 danças. Faziam-se jantas e reuniões dançantes para conseguir dinheiro para irmos em Rodeios e para melhorias da casa, além de campanhas de doação de materiais. Hoje não vou mais aos bailes gaúchos, pois não gosto, não acho legal os equipamentos eletrônicos (guitarras, jogo de luzes) que são utilizados, pois se é a tradição gaúcha que tem que ser preservada, deve ser nos moldes de como era no passado.”.

Ignez Amelia Menegon Dal Ago e José Dal Ago¹⁴ são vizinhos do CTG desde 1973. “Quando compramos o terreno que nos tornou vizinhos do CTG, ele já estava construído. E desde que viemos morar aqui o CTG cresceu muito. Não tivemos ninguém da família como participante do CTG porque naquele tempo tinha pouco incentivo para as invernadas”, disse Ignez.

José falou da importância da presença do CTG: “Para a gurizada nova, o CTG é algo muito bom, pois em vez de ficarem nas ruas fumando drogas, as crianças estão ali, tendo e seguindo um bom exemplo. E para a sociedade em geral, é importante para não esquecerem do seu passado”.

Sobre o relacionamento com a entidade, José apontou que “houve alguns padrões que não respeitavam muito os vizinhos na questão do volume de som e do estacionamento dos carros quando aconteciam os eventos, mas foram poucos” e Ignez ressaltou que “as crianças são muito educadas, nunca mexeram em nada”.

Antônio Renato Gobbi, Ex-Patrão, e Marines Michelin Gobbi¹⁵, Ex-Patroa do CTG também concederam entrevista. Segundo o entrevistado, “o movimento em relação aos integrantes do CTG, bem como as atividades que eram proporcionadas pela entidade, elas sempre dependeram do patrão que estava em exercício. Quando da minha posse, em relação à parte artística, as invernadas, estavam abandonadas, sem qualquer incentivo e foram

¹⁴ Entrevista concedida a Débora Sandri Machado e Andréia Lopes Leônico em 01 de abril de 2016.

¹⁵ Entrevista concedida a Débora Sandri Machado e Andréia Lopes Leônico em 04 de abril 2016.

reativadas na minha gestão, foram tão estimuladas que se conseguiu trazer para um evento o Sr. Paixão Côrtes e Marina Côrtes, que ficaram no CTG durante três dias dando palestras, além de outras figuras importantes do tradicionalismo”.

Antônio ressaltou também que “quando assumi a patronagem, também as acomodações do CTG Porteira da Serra eram precárias, inadequadas para o uso e foi aí que resolvi tomar uma posição, promovemos bailes com diversos grupos musicais. Convidamos a comunidade para fazer parte dos eventos da casa, para os quais solicitei e fui atendido no sentido de doações de materiais de construção e, assim, consegui reformar o telhado e consertar o assoalho da sede. Também construímos uma biblioteca.”.

Já Marines Michelin Gobbi, a esposa do patrão, que trabalha no comércio, declarou que: “eu era a pessoa encarregada da divulgação e dos serviços promocionais do CTG e também de garantir as inscrições de novos membros em cursos de dança e nas invernadas. Numa formatura do Curso de Dança de Salão no CTG chegou a ter 96 pares.” Se considerarmos a população de São Marcos, cidade sede do CTG Porteira da Serra, trata-se de número bastante apreciável.

Materiais e métodos

Em conformidade com o exposto, foi desenvolvido um estudo bibliográfico e histórico-documental através da coleta de dados gerados a partir de documentos pertencentes ao acervo da referida entidade, acervos particulares e mídia impressa. E, no intuito de obter-se mais informações procurando entender os fatos que compõem o surgimento e percurso do referido patrimônio cultural de forma contextualizada, foi aplicada uma entrevista semiestruturada composta por 18 questões, direcionada a cinco pessoas que viveram ou conhecem sua história.

Alguns autores afirmam que pesquisa documental e pesquisa bibliográfica são sinônimas. Para ambas, o objeto de estudo é o mesmo, tanto a pesquisa documental quanto a pesquisa bibliográfica têm no documento seu objeto de investigação. No entanto, o conceito de documento ultrapassa a ideia de textos escritos e/ou impressos.

Para Figueiredo (2007) o documento como fonte de pesquisa pode ser escrito ou não escrito, tal como filmes, vídeos, *slides*, fotografias ou pôsteres. Esses documentos servem

como fontes de informações e indicativos para explicar determinadas questões ou como prova para outras, conforme necessidade ou interesse do pesquisador.

Oliveira (2007) faz uma importante distinção entre essas modalidades de pesquisa. Para a autora, a pesquisa bibliográfica é uma modalidade de estudo e análise de documentos de domínio científico tais como livros, periódicos, enciclopédias, ensaios críticos, dicionários e artigos científicos. Como característica diferenciadora, ela pontua que é um tipo de “estudo direto em fontes científicas, sem precisar recorrer diretamente aos atos/fenômenos da realidade empírica.” (OLIVEIRA, 2007, p. 69). A mesma autora argumenta que a principal finalidade da pesquisa bibliográfica é proporcionar aos pesquisadores o contato direto com obras, artigos ou documentos que tratem do tema em estudo. Assim, “o mais importante para quem faz opção pela pesquisa bibliográfica é ter a certeza de que as fontes a serem pesquisadas já são reconhecidamente do domínio científico.” (op. cit.).

A pesquisa documental caracteriza-se pela busca de informações em documentos que não receberam nenhum tratamento científico, “como relatórios, reportagens de jornais, revistas, cartas, filmes, gravações, fotografias, entre outras matérias de divulgação” (OLIVEIRA, 2007, p. 69). “Na pesquisa documental, o trabalho do pesquisador(a) requer uma análise mais cuidadosa, visto que os documentos não passaram antes por nenhum tratamento científico.” (p. 70).

De acordo com Alberti (2004), à pesquisa documental, integra-se a história oral, uma vez que é realizando estudo em arquivos, bibliotecas, etc., é que se produzem entrevistas que se transformarão em documentos, que, por sua vez, serão incorporados ao conjunto de fontes para novas pesquisas. Também Burke (1992) defende a ampliação do uso de fontes de estudos históricos, não somente documentais, mas orais e visuais, pois proporciona a análise de várias direções na explicação do objeto de estudo, visto que, segundo o autor, é irreal a objetividade absoluta das fontes.

Sabemos que os registros das experiências humanas não estão somente nos arquivos, museus, documentos e outros registros. Eles estão em toda parte e principalmente na memória das pessoas. E é sob esta perspectiva que foi aplicada uma entrevista semiestruturada direcionada a personagens que, de uma forma ou de outra, estiveram ou estão ligadas a esta trajetória, entre elas integrantes atuais e ex-integrantes da entidade, pessoas que assistiram

suas apresentações artísticas, além de indivíduos da comunidade ou com funções relacionadas ao movimento.

A entrevista semiestruturada, que apresenta relativa flexibilidade, oferece liberdade ao entrevistado para dissertar sobre o tema ou abordar aspectos que sejam relevantes sobre o que pensa, lembra ou vivenciou. Na visão de Benjamin (1994, p. 224), “articular historicamente o passado não significa conhecê-lo como de fato ele foi. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo”. Neste estudo, o uso da história oral/entrevista se revelou como um instrumento importante que oportunizou compreender melhor e recuperar informações que sobreviveram ao tempo.

Sobre os procedimentos para a coleta de informações desta pesquisa, inicialmente foi realizada uma revisão de literatura. Após, foi contatada a instituição participante por intermédio de seu representante legal, para quem foi explicitados os objetivos, método e fontes de busca, bem como aos demais participantes do estudo, para quem também foram detalhados os motivos pelos quais foram escolhidos, o tempo total a ser dedicado para as respostas da entrevista e a ausência de qualquer retorno ou recompensa por integrarem a pesquisa. Esclarecidas as dúvidas decorrentes, com suas concordâncias foram assinadas as declarações de sua plena ciência do exposto e obtidas as autorizações oficiais para sua realização, além dos termos de livre adesão. Seguindo os passos declarados, a investigação resultou no que expressa este artigo.

Considerações finais

A memória é um dos suportes que dão sentido a nossa existência e é conhecendo o ontem que se entende o agora para se construir o amanhã. Conhecer e valorizar o passado e seus feitos é reconstruir o caminho que nos trouxe até aqui, um princípio básico para o exercício da cidadania.

É com a transmissão e a divulgação de nossas raízes que contribuímos para o desenvolvimento cultural do nosso povo, e sobretudo, para firmarmos nossa identidade cultural gaúcha, mantendo viva nossa tradição, expressa e tão valorizada nas obras dos pesquisadores s Paixão Côrtes e Barbosa Lessa, figuras ilustres que dedicaram suas vidas a forjar o retrato da nossa gente.

Através da pesquisa realizada, percebe-se que por trás de cada fato, visões, práticas e discursos sobre a trajetória do CTG Porteira da Serra, há muitos sujeitos que contribuíram para construir seu percurso, mas também que outros tantos seguem colaborando para a continuidade de sua existência e preservação de sua missão, para que seja reconhecido não apenas como o lugar de identidade histórica, mas como um ambiente de memória coletiva, garantindo que os feitos e as marcas produzidas possam sobreviver no tempo.

Enfim, esses homens e mulheres criaram muito mais que um centro de integração social e cultural do folclore rio-grandense; abriram as porteiras da cultura gaúcha para que as novas gerações possam vivenciar e cultivar a importância de seu legado.

Referências

ALBERTI, V. **Ouvir contar**: textos em História Oral. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2004.

ALBUQUERQUE JR, D. **História**: arte de inventar o passado. Bauru: Edusc, 2007.

BENJAMIN, W. Sobre o conceito de história. In: _____. **Obras escolhidas**: magia, técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BURKE, P (Org.). **A Escrita da História**. São Paulo: Editora UNESP, 1992.

CÔRTEZ, J. C. D. P. **O Gaúcho: danças, trajés, artesanato**. Porto Alegre: Garatuja, 1978.

FIGUEIREDO, N. M. A. **Método e metodologia na pesquisa científica**. 2. ed. São Caetano do Sul: Yendis, 2007.

GUIMARÃES NETO, R. A cidade simbólica: inscrições no tempo e no espaço. **Estudos Ibero-Americanos - PUCRS**, v. 32, n. 1, p. 143-145, 2006.

LE GOFF, J. Documento/monumento. In: _____. **História e memória**. 5. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003. p. 525-539.

LOPES, E.; GALVÃO, A. O. **História da educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de história oral**. São Paulo: Loyola, 2010.

MORIN, E. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

MTG – MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO. **Estatuto**. Título I, Capítulo I, Art. 1º, 1967. Disponível em: http://www.mtg.org.br/public/libs/kcfinder/upload/files/ESTATUTO/1_0_ESTATUTO_MTG.pdf Acessado em 18 abr. 2015

NORA, S. Quando o fim é apenas outro começo. In: 2º Encontro Nacional dos Pesquisadores em Dança (ANDA), ano 1, v. 1, 2011. São Paulo. **Anais...** São Paulo: Instituto de Artes da Unesp, 2011.

OLIVEIRA, M. M. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis: Vozes, 2007.

_____. **Origem da Semana Farroupilha e Primórdios do Movimento Tradicionalista**. Porto Alegre: Rio Grande do Sul, 1994.